



O Jornalismo Diário Praticado na Televisão: As Diferenças Entre o Jornal Nacional e o Repórter Brasil¹

Milena Aparecida dos SANTOS²
Raphael Moroz TEIXEIRA³
Elza Aparecida de Oliveira FILHA⁴
Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

O presente trabalho consiste na análise comparativa do conteúdo de quatro edições dos telejornais Jornal Nacional, da Rede Globo, e Repórter Brasil, exibido pela TV Brasil. Para isso, foram levados em consideração os aspectos técnicos e conceituais das reportagens e quadros veiculados pelos dois programas. Dentro desse contexto, foram analisados quesitos como tempo de duração, estrutura narrativa e imagens empregadas.

Palavras-chave

Televisão; telejornalismo; jornalismo; comunicação

1 Introdução

O presente trabalho pretende realizar uma análise comparativa entre quatro edições dos programas Jornal Nacional – veiculado na Rede Globo – e Repórter Brasil – transmitido pela TV Brasil.

De acordo com Pierre Bourdieu (1997, p. 29), a televisão se caracteriza, atualmente, como o “árbitro do acesso à existência social e política”. Dessa maneira, o mundo social é cada vez mais descrito e prescrito pela televisão, que se tornou um instrumento de criação da realidade.

Considerando a relevância que a televisão e, mais especificamente, o telejornalismo representa hoje, foi levado em consideração nesse trabalho o conteúdo de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 1 - Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 7º período do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, e-mail: milenamanfron@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação do 7º período do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, e-mail: raphaelmoroz@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, e-mail: elzaap@hotmail.com



cada telejornal. Dentro desse contexto, foram analisados os aspectos técnicos e conceituais das reportagens e quadros de cada programa, tais como tempo de duração, estrutura e imagens e fontes empregadas.

2 Os Programas Jornal Nacional e Repórter Brasil

2.1 Informações Sobre o Jornal Nacional

O Jornal Nacional, que faz parte da Rede Globo de Televisão, surgiu em 1º de setembro de 1969. A primeira equipe que formava o programa era composta por 30 pessoas. Ele foi lançado para competir com o Repórter Esso, da antiga TV Tupi, e fazia parte do projeto de Walter Clarck e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho - que tinham o objetivo de transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil (ZAHAR, 2004).

Jorge Zahar lembra que, quando o jornal foi lançado, ele tinha a duração de apenas 15 minutos, e era transmitido de segunda a sábado. As edições eram divididas em *local*, *nacional* e *internacional*. Além disso, as manchetes eram curtas e lidas de forma ágil por dois apresentadores que compunham a bancada.

Por ser um telejornal que repercutiria em todo o país, a equipe da Rede Globo teve que desenvolver o conceito de noticiário nacional que ainda não existia na televisão brasileira. No ano de 1975, Armando Nogueira e Alice Maria criaram um manual de telejornalismo para sistematizar algumas normas básicas para o JN (ZAHAR, 2004).

Em 1985, Nogueira decide criar as editorias especializadas. Até então, o responsável pelas matérias de qualquer setor era o chefe de redação. Em 1995, o jornalista Evandro Carlos de Andrade assumiu a direção Central Globo de Jornalismo, substituindo Alberico de Souza Cruz (*Ibidem*).

Em 1996, os apresentadores Cid Moreira e Sérgio Chapelin foram substituídos por Willian Bonner e Lilian Witte Fibe. O objetivo da mudança era colocar à frente do jornal profissionais envolvidos com a produção de reportagens, dando, assim, maior credibilidade ao JN. Em fevereiro de 1998, Fátima Bernardes assume o lugar de Lilian (ZAHAR, 2004).

De acordo com o apresentador e atual editor-chefe do programa, Willian Bonner, “o Jornal Nacional tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu



no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção”. Essa escolha se justifica pelo fato de que o público que assiste ao JN é universal. Hoje, o JN tem duração de cerca de 33 minutos, sem contabilizar os intervalos (BONNER, 2009).

2.2 Informações Sobre o Repórter Brasil

O Repórter Brasil estreou em 3 de dezembro de 2007, e sempre foi ao ar a partir das 8 e das 21h, pela TV Brasil. O telejornal é apresentado por âncoras do Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, que se revezam durante cada edição. De acordo com o site do RB, trata-se de “um noticiário isento, sem adjetivações, linhas pré-definidas, influências da política partidária ou da lógica do mercado publicitário” (SOBRE, 20--).

O telejornal atinge 22 estados brasileiros através de emissoras públicas parceiras – sendo que, no Paraná, ele é transmitido pela TV Educativa. Além disso, o programa utiliza materiais de outras emissoras públicas, e seus pilares são “ousadia, criatividade, objetividade e comprometimento com os fatos” (*Ibidem*).

A TV Brasil, canal que transmite o telejornal, pertence, por sua vez, à Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Criada em outubro de 2007, por meio de lei aprovada e sancionada, a EBC engloba quatro canais de televisão e oito emissoras de rádio em todo o território brasileiro (MENSAGEM, 20--).

3 Análise dos Programas

A edição do dia 03 de junho do Jornal Nacional iniciou com uma reportagem sobre esportes, contrariando o que geralmente costuma acontecer. A matéria, no entanto, tinha um apelo factual: falava sobre a chegada da seleção brasileira a Soweto - um dos bairros de Jaonesburgo - e retratou a paixão dos moradores da cidade pelo futebol que é praticado no Brasil.

A reportagem se enquadra dentro do que João Canavilhas (2001, p. 04) classifica como espetáculo⁵, já que esta “adquire contornos virtuais, por força do aparecimento de um intermediário que fragmenta e seleciona para potencializar as sensações”.

⁵ De acordo com João Canavilhas (2001, p. 04), um espetáculo consiste “na colocação em cena de dois fatores: uma determinada atividade que se oferece e um determinado sujeito que a contempla”. No caso da televisão, há um domínio do espetáculo sobre o sujeito, que é passivo e se limita a contemplá-lo.



Neste caso, as sonoridades e o próprio discurso do repórter, que utilizou vários adjetivos e até mesmo metáforas, foram os elementos utilizados para potencializar as sensações do telespectador. O seguinte trecho do discurso do repórter Eric Faria exemplifica isso:

Um *troféu nas mãos*: a chance de ver a seleção brasileira [...] Quando o ônibus chegou ao estádio foi um *delírio total*. Uma janela separava o povo dos ídolos. Robinho e Kaká acenaram. Teve mais dentro do campo [...] O clima de Copa do Mundo aproximou realidades tão distantes: o campo de terra batida e o estádio onde treinou a seleção pentacampeã mundial. Kaká chegou a bater bola com uma garotada *privilegiada*. (FARIA, 2010)

Além disso, o repórter fez uso de outro elemento para emocionar: a dramatização. Trata-se de um recurso que utiliza gestos e expressão verbal para valorizar as imagens de uma reportagem (CANAVILHAS, 2001). No caso da matéria analisada – que teve duração de dois minutos - o recurso empregado foi a expressão verbal, que deu ênfase a determinadas palavras, geralmente adjetivos (como “delírio total”, “gás total”, etc.)

Pierre Bourdieu (1997, p. 25) também aborda a dramatização, e afirma que a televisão “põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico”.

Dentro desse contexto, Canavilhas (2001, p. 06) afirma que “o repórter tem [...] um papel importante em todo o processo informativo, apresentando-se como um ator cujo objetivo é conseguir que os telespectadores acreditem na informação por ele transmitida”.

A reportagem seguinte mostrou a chegada da seleção do Paraguai e da Inglaterra à Joanesburgo, e a visita dos jogadores da África do Sul a Nelson Mandela, além de ter retratado o esquema de segurança necessário durante o transporte dos jogadores e o primeiro treino aberto do time da Argentina, que está sendo comandado por Maradona. A matéria foi dividida em quatro pequenos blocos informativos, tendo, portanto, quatro focos distintos.

Posteriormente à exibição dessa reportagem, seguiu-se mais uma com a temática “futebol”. Ela abordou a história de Arlete e Mário Silva, que possuem três filhos jogadores: Anderson Luís, Alex Silva e Andrei. A matéria – que durou três minutos e 20 segundos - resgatou a história dos três rapazes através de sonoridades deles e dos pais. Além disso, foram utilizadas várias imagens de arquivo.



No entanto, o elemento que mais chama a atenção na reportagem é a sua edição. Todas as imagens receberam um tratamento visual, demonstrando maior contraste. Além disso, há várias artes elaboradas, e trilhas musicais permeiam toda a matéria. Levando em consideração essas características, é possível classificar a reportagem como uma *informação-espetáculo* (CANAVILHAS, 2001).

A matéria sobre a família Silva é exemplo de uma tendência atual do telejornalismo:

O noticiário da atualidade constrói pequenas novelas diárias ou semanais cujos protagonistas são tipos da vida real absorvidos por uma narrativa que funciona como se fosse ficção. Programas jornalísticos na televisão desenvolvem-se como se fossem filmes – de ação, de suspense, de romance, de horror. O telejornalismo disputa mercado não apenas com outros veículos informativos, mas também com as opções de lazer. Precisa ser envolvente, divertido, leve, colorido, ou perde o público sedento de novas sensações (BUCCI, 2000, p. 142).

Ao contrário do Jornal Nacional, que iniciou com reportagens sobre a Copa do Mundo (estas tiveram, ao todo, cerca de nove minutos de duração), o Repórter Brasil do mesmo dia optou por abrir com uma matéria de 3 minutos e 38 segundos sobre os tradicionais tapetes coloridos de Corpus Cristi, feitos em Santana do Paranaíba – SP.

Logo em seguida, o telejornal trouxe uma reportagem sobre a origem desse feriado. Composta apenas por imagens de quadros e pinturas religiosas em sincronia com uma narração, a matéria teve um trabalho de edição elaborado. O Jornal Nacional também abordou o tema, mas optou por mostrar como havia sido a comemoração em algumas cidades brasileiras através de uma nota coberta de 32 segundos.

A decisão dos dois telejornais em abordar o tema “Corpus Cristi” se deu devido a um critério de noticiabilidade bastante comum na televisão: a proximidade. De acordo com Canavilhas (2001, p. 03), “quanto mais próximo for o acontecimento, mais hipóteses tem de ser noticiado”.

A “Marcha para Jesus” também esteve presente nos dois telejornais. Como já havia feito com o feriado de Corpus Cristi, o Jornal Nacional produziu uma nota coberta rápida sobre o assunto. Já o Repórter Brasil tratou do acontecimento por meio de uma reportagem de um minuto e 37 segundos, que focou nas diferentes maneiras de louvar a Deus durante a marcha de São Paulo.

Além disso, a matéria se aproveitou do fato de que muitos fiéis estavam vestidos de verde e amarelo e realizou um gancho com a Copa do Mundo de 2010. Dentro desse



tema, o foco explorado foi a fé que a população deposita na seleção brasileira. Dessa maneira, pode-se constatar na reportagem um elemento da espetacularização: a dramatização – que permeava a expressão verbal dos entrevistados (CANAVILHAS, 2001).

A edição de 03 de junho do Jornal Nacional, através do correspondente Luís Fernando Silva Pinto, abordou a nova tentativa de companhia BP de deter o vazamento de petróleo ocorrido no Golfo do México. Nesse caso, o valor-notícia utilizado foi a “continuidade”. Esse critério é válido porque, segundo Canavilhas (2001), os desenvolvimentos de um acontecimento correm o risco de serem tão noticiáveis quando ele.

Na mesma edição, o Jornal Nacional veiculou uma reportagem de dois minutos sobre o enterro dos corpos dos ativistas que morreram na ação militar israelense para impedir que determinados navios furassem um bloqueio à Faixa de Gaza. Quem trouxe as informações foi o correspondente da Rede Globo em Istambul, Ari Peixoto.

A matéria teve uma entrevistada esclarecedora: a da brasileira que estava em um dos barcos. Além disso, o repórter apresentou detalhes relevantes do acontecimento. Tecnicamente, no entanto, a reportagem pode ser considerada precária, já que Peixoto narra o texto dos *offs* por telefone.

Enquanto o Jornal Nacional trouxe para a edição de 03 de junho várias reportagens de temáticas mundiais, o Repórter Brasil – que revezou entre apresentadores de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro – abordou, em grande parte, assuntos relacionados ao Brasil.

Em uma matéria de aproximadamente dois minutos, o telejornal tratou da ressocialização de presidiários na capital carioca. A estrutura da reportagem pode ser considerada tradicional, já que ela iniciou com um personagem, explorou informações gerais sobre o tema e terminou com outro personagem. Além disso, a repórter Tatiana Cochlar não realizou passagem.

Logo em seguida, o Repórter Brasil trouxe uma reportagem de Curitiba. O tema envolvia uma criação de alunos do curso de Design: roupas e acessórios com compartimentos secretos com o intuito de despistar ladrões. Em relação às outras reportagens do telejornal, a matéria inovou, pois mesclou imagens e trilha musical nos segundos finais.

Depois da chamada de bloco de um dos intervalos, o Repórter Brasil colocou no ar uma enquete sobre o assunto de uma reportagem que ainda iria ao ar. A pergunta era:



“o que você faz para manter a droga longe da sua família?” Duas pessoas, uma de Brasília e outra do Rio de Janeiro, responderam à pergunta de formas diferentes. A mesma enquete foi ao ar em outros momentos do jornal, e trouxe a respostas de pessoas de outras cidades brasileiras.

A reportagem chamada anteriormente pela enquete abordou um projeto de lei que pretende forçar o internamento de usuários de crack durante um minuto e 57 segundos. Relevante e inédito, o assunto foi ignorado pelo Jornal Nacional.

No quadro “Outro olhar” – do Repórter Brasil – o assunto do dia 03 de junho foi a permacultura. Chama a atenção o formato da reportagem, que se assemelhava a um documentário. O quadro, no entanto, só mostrou o lado positivo dessa prática natural, possuindo, portanto, contornos de manipulação. Esta, por sua vez, se dá quando o jornalista seleciona e destaca alguns aspectos de determinado assunto (CANAVILHAS, 2001).

Para assuntos internacionais, o Repórter Brasil reservou apenas algumas notas cobertas. Uma delas tratou do homem que matou duas pessoas durante um julgamento em Bruxelas, na Bélgica. De acordo com a nota – que teve duração de um minuto - o motivo da atitude foi a insatisfação do assassino em relação a uma decisão sobre a guarda de seus filhos.

O telejornal apresentou também notas cobertas sobre assuntos referentes à Coreia do Sul e a Israel. Sem sonoras e com poucas aberturas de áudio (que mostravam trechos de discursos de figuras políticas), as notas eram um tanto quanto cansativas. Além disso, as imagens que ilustravam o texto dos *offs* eram de emissoras de televisão dos próprios países.

Levando em consideração o formato e a organização do Jornal Nacional, Eugênio Bucci faz a seguinte afirmação:

O bem e o mal organizam a informação. No Brasil, o formato do Jornal Nacional – que se tornou o paradigma de um gênero – dá bem o tom dessa lógica. A tendência de cada edição diária é ter um *happy end* com alguma historinha edificante para fechar o programa. Vale um acasalamento de mamíferos no zoológico, o dia feliz de uma criança que achou uma escola na zona rural, a entrevista de um astro da música sertaneja que se dedica à filantropia (BUCCI, 2000, p. 143).



Na edição do dia 03, a “história edificante” citada por Bucci é a do técnico da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2010, o ex-jogador Dunga, que estava abrindo mão de várias coisas pela conquista do hexacampeonato.

Fazendo uso de determinadas sonoridades do técnico e de imagens específicas – que mostram, dentre outras coisas, Dunga entregando uma bandeira do Brasil a dois meninos negros – a matéria, de cerca de um minuto e meio, tende a privilegiar a imagem do técnico como um herói.

O Repórter Brasil também encerrou a edição do dia 03 de junho com uma reportagem acerca da Copa do Mundo. O recorte utilizado foi o patriotismo dos brasileiros na época da Copa.

As edições do Jornal Nacional e do Repórter Brasil que foram ao ar no dia 04 de junho de 2009 tiveram oito matérias em comum. Algumas, no entanto, apresentaram enfoques, fontes e espaços diferentes.

No primeiro bloco do Jornal Nacional, o repórter Fábio Willian falou *ao vivo*, direto de Brasília, sobre a possibilidade de o projeto *Ficha Limpa* ser validado a partir das eleições desse ano. Durante a conversa, o apresentador, que chamou o jornalista ao ar, expressou sua opinião sobre a situação, afirmando que “quase que o projeto acabou na câmara”. Essa atitude pode ser explicada por Rezende (2000), ao afirmar que, diante das câmeras, o apresentador dá vida ao texto. Isso pode ser feito por meio de gestos, expressões faciais ou até mesmo através de pausas na locução.

Bonner também comentou os pontos mais importantes dessa nova lei e discorreu sobre o poder da pressão popular que contribuiu para que ela fosse validada. Após a sonora do correspondente, foi inserida a opinião do presidente nacional da Organização dos Advogados do Brasil em Belém, que explicou a importância da aprovação do projeto. Ao total, o assunto repercutiu por cinco minutos e 18 segundos.

O Repórter Brasil abordou o tema com a mesma intensidade que o Jornal Nacional, porém, trouxe ao estúdio um cientista político para discorrer sobre o assunto, o que totalizou cerca de quatro minutos. Nenhum repórter cobriu o fato, tendo os dados sido inseridos em forma de arte na tela e lidos pelo apresentador.

No livro “Jornalismo de TV”, Bistane e Bacellar (2005) afirmam que, para essas ocasiões, o ideal não é ler tudo sobre o assunto e preparar uma imensa listagem de perguntas, pois os repórteres ficam presos ao que vão perguntar e acabam não escutando informações importantes fornecidas pelo entrevistado.



Grande parte dessa edição do Jornal Nacional abriu espaço para informações referentes à Copa. Ao todo, foram utilizados nove minutos e 50 segundos - levando em conta as chamadas e notas retornos - para tratar o tema. Primeiramente, foi apresentada uma entrevista com Kaká. Nela, o jogador comentou sobre as lesões que já sofreu e detalhou como estão sendo os treinos e as adaptações com a nova bola, que será usada nos próximos jogos.

Além disso, nota-se que o repórter dessa matéria fez uso do jogo de palavras para prender a atenção do telespectador. Isso porque ele se ateve a imagens e frases relacionadas ao relógio do jogador para montar a maioria dos *offs*.

Na mesma reportagem, o jornalista Mauro Naves inseriu informações referentes aos jogadores de outros times que sofreram lesões durante os treinamentos. A matéria também comentou o que os jogadores costumam fazer nas horas de folga dos treinos, e como se comunicam com a família.

O Repórter Brasil usou trechos da entrevista muito semelhantes aos que estavam presentes no Jornal Nacional. Além disso, o telejornal deu destaque aos três jogadores que se machucaram durante dos treinos. Em relação ao esporte, o diferencial desse programa foi o enfoque que ele utilizou: a dificuldade da imprensa em ter acesso aos jogadores. A matéria durou cerca de três minutos e 20 segundos.

Apenas o Jornal Nacional abordou o possível envolvimento do jogador Adriano com o traficante Fabiano Atanásio. A reportagem de Mônica Sanches deu espaço para o advogado do jogador esclarecer a situação. Ele alegou que o dinheiro oferecido seria destinado à compra de cestas básicas para moradores de uma favela. O Operador Geral da Justiça, Cláudio Lopes, também foi ouvido e condenou a ação de Adriano.

Para facilitar a compreensão da matéria, foi utilizada uma arte onde era transcrita a ligação telefônica do jogador com o seu primo. Nela, ambos tratavam do saque de trinta mil reais que seria feito pelo atleta. A reportagem durou dois minutos e 30 segundos, e foi coberta por imagens de Adriano sendo apreendido pela polícia.

O Repórter Brasil optou por divulgar a crítica de Parreira - que é o técnico do time africano - em relação à superproteção de Dunga aos seus jogadores quando o assunto é exposição na imprensa.

O Jornal Nacional noticiou, por meio de uma nota coberta de 28 segundos, o acidente que aconteceu com dois pichadores - que caíram de uma altura de três metros - no momento em que eles foram surpreendidos pela polícia. As imagens utilizadas



retratavam as dos criminosos no momento do acidente e o transporte de um deles em uma maca até a ambulância.

Enquanto o telejornal da Rede Globo abordou a queda do investimento nas bolsas de valores por meio de uma nota pelada de 30 segundos, o Repórter Brasil propagou o assunto com maior profundidade, destinando mais tempo para contextualizar as informações. A reportagem durou cerca de dois minutos e, ao contrário do Jornal Nacional, o programa utilizou uma sonora para explicar o motivo da crise econômica.

Uma das explicações para o tratamento sucinto do Jornal Nacional pode ser a seguinte: “Se a notícia é boa e a imagem é fraca, o jornalista deve contar as notícias sem mostrar as imagens” (MACIEL, 1995 *apud* REZENDE, p. 78).

Além disso, também foi anunciada, por ambos os telejornais, a ascensão do novo chefe de governo do Japão dois dias após a renúncia do primeiro ministro. O Repórter Brasil optou por um minuto e dez segundos para relatar o fato, além de ter conversado com um especialista. Já o Jornal Nacional abordou o assunto através de uma nota coberta de 22 segundos.

A matéria que tratou do uso das termoeletricas no Brasil abriu o terceiro bloco do telejornal da Rede Globo com dois minutos e 20 segundos. O repórter Julio Mosqueira retratou as consequências do uso desse tipo de energia para o ambiente e para o consumidor, que será acariciado com um aumento de cerca de 4% na taxa da conta de luz. Mosqueira conversou com o ministro de Minas e Energia e com o professor da UNB, Antônio Brasil Junior, para aprofundar melhor o fato. Imagens referentes às usinas cobriram grande parte dos *offs* utilizados para a narração.

Um dos destaques do Jornal Nacional também foi a visita do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, à área atingida pelo vazamento de petróleo no Golfo do México. A reportagem durou dois minutos e 35 segundos, e deixou claro que ele cobrou agilidade da empresa responsável para a indenização das famílias que foram prejudicadas pelo acidente.

Além disso, o jornal deu ênfase à situação na qual se encontram os animais que estão naquele ambiente, aliando imagem e palavra. Isso está explícito nas frases do correspondente de Nova York, Flávio Fachel (2010): “Quase não dá para ver os animais debaixo de tanto óleo. Alguns respiram com dificuldade. Dezenas de pássaros foram resgatados, mas, segundo os técnicos, pelo menos um terço deles não vai sobreviver”.



Guilherme Jorge Rezende (2000, p. 44) afirma que “ao analisar o conceito de notícia, verifica-se que a TV adota critérios próprios na seleção do fato noticioso, conferindo prioridade ao aspecto visual das informações que se pretende divulgar”.

O Repórter Brasil conversou com o presidente da BP e tratou o assunto com o mesmo enfoque que o Jornal Nacional, disponibilizando um minuto e 33 segundos para dar a informação. Apesar de ambos os jornais terem retratado os problemas que o acidente causou ao meio ambiente, foi possível notar que o jornal da Rede Globo enfatizou mais essa questão. Isso porque utilizou imagens de animais em meio ao petróleo, enquanto o Repórter Brasil preferiu cenas de uma praia - que aparentemente não estava invadida pelo óleo - para retratar os danos. Ou seja, não houve uma aliança entre a palavra e as imagens.

Rezende (2000, p. 43) considera que “a função prioritária que a imagem ocupa na comunicação telejornalística requer uma preparação especial do jornalista de TV para que ele tire maior proveito das potencialidades expressivas do veículo”.

O quarto bloco do Jornal Nacional relatou a questão dos ativistas a bordo do barco irlandês, e disponibilizou, ao todo, cerca de seis minutos para explicar o fato. A reportagem do correspondente de Jerusalém, Ari Peixoto, abordou a questão das mortes que aconteceram em outras embarcações que foram interceptadas e as manifestações contra o bloqueio da Faixa de Gaza. Ele também conversou por telefone com a ganhadora do Nobel da Paz de 1976, que estava na embarcação.

Em seguida, a repórter Juliana Morrone comentou que o governo da Turquia fez grandes críticas a Israel. Ela também explicou o objetivo do bloqueio da Faixa de Gaza, e mostrou em sua matéria o enterro de um dos ativistas que foi morto nesses confrontos. Além disso, ela conversou com a cineasta Iara Lee - que também estava na embarcação - e com o primeiro ministro turco.

O acontecimento foi retratado pelo Repórter Brasil com um enfoque muito semelhante. Algumas imagens foram utilizadas em ambas as matérias, como a que mostrava o atendimento de urgência de um paciente que passou mal. O telejornal falou com o porta voz das forças armadas israelenses e com o primeiro ministro turco, e a duração total da reportagem foi de dois minutos e dez segundos.

A multa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva esteve presente em ambas as edições e ganhou uma nota pelada nos dois jornais. O apresentador do Jornal Nacional enfatizou a palavra “quinta” ao relatar que esta foi a quinta vez que ele fez campanha eleitoral para a candidata Dilma Rousseff em época inadequada. Em seu livro



“Telejornalismo no Brasil”, Rezende (2000) comenta que a televisão tem uma tendência de provocar uma atenção dispersa, por isso a palavra em jornalismo de televisão tem que ser a mais clara possível.

O telejornal da Rede Globo destinou o quinto bloco inteiro, que teve quatro minutos e 15 segundos, para produzir uma matéria mais descontraída: uma homenagem ao meio campo Ramiris, da Seleção Brasileira de Futebol. A matéria abordou fatos de sua infância e de sua trajetória no esporte. O repórter conversou com os familiares do jogador, que relembrou momentos da infância dele.

Essa escolha do Jornal Nacional enquadra-se na afirmação de Marcondes Filho (1989), citado por Hernandes (2006, p. 121): “telejornais, como ‘shows da vida’, extraem dos fatos toda a sua explosividade e os transformam em variedade e diversão”.

Michele Negrini acredita que matérias como essas são formas de ganhar audiência:

A espetacularização é um ingrediente presente inclusive na grade de jornalismo de muitas emissoras, as quais, mesmo que de forma sutil, apresentam programas *shows* como forma de chamar a atenção do público. Dentro desta perspectiva, pode-se salientar desde o extinto “Aqui Agora”, exemplo clássico de exaltação dos acontecimentos mais sensacionais e que chamam a atenção das pessoas, até os telejornais vistos como padrão e de referência, o que é o caso do Jornal Nacional (NEGRINI, 2007, p. 01).

O sexto e último bloco do Jornal Nacional foi composto por duas matérias. A primeira mostrou a vitória da seleção de vôlei do Brasil sobre a Bulgária por três *sets* a um, e teve cerca de três minutos. A segunda discutiu o escândalo que envolveu a mulher do presidente Zúma, acusada de adultério e penalizada com a apreensão de seu cartão de crédito. A reportagem de Cezar Trali durou aproximadamente um minuto e 20 segundos.

No dia 04/06, o Repórter Brasil veiculou uma reportagem sobre aborto e também sobre a *Parada Gay*. Nessa última matéria, foram utilizadas diversas imagens do evento, e o enfoque foi o retorno econômico dele para a cidade de São Paulo. Um gerente de Nova York - que disse vir ao Brasil para esses acontecimentos - foi utilizado como personagem. Além disso, o repórter conversou com um gerente hoteleiro e com um chefe de cozinha. A duração da reportagem foi de dois minutos e 16 segundos.

O mesmo programa discutiu a questão dos produtores de vinho artesanal de Valinhos, no interior de São Paulo, que querem formar uma cooperativa para investir na



qualidade e competir no mercado nacional. O repórter conversou com dois produtores, sendo que um deles foi o personagem da matéria - que ficou no ar por quase três minutos. Aqui, nota-se um grande poder de imagem, já que foi mostrado ao público, com grande ênfase, o cultivo da uva, além de detalhes da fruta.

Respeitar a palavra é muito importante no texto de televisão Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual. Quem achar que a palavra pode competir com a imagem está completamente perdido. Ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou o texto trai a sua função (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 1984 *apud* REZENDE, 2000, p. 44).

Como essa era a semana do meio ambiente, o Repórter Brasil veiculou uma reportagem sobre um dos 12 jovens que irão representar o Brasil na conferência internacional sobre os cuidados com o planeta. As imagens utilizadas para cobrir o *offs* mostravam o menino plantando árvores em sua escola. Em termos de fontes oficiais, o repórter conversou com a coordenadora da conferência. Desde a chamada da reportagem até o final da matéria, o assunto totalizou cerca de 3 minutos e 20 segundos.

Ainda abordando o tema *meio ambiente*, o jornal mostrou a caminhada histórica na baixada fluminense, onde, há 40 milhões de anos, um vulcão dominava a paisagem.

A matéria seguinte, de aproximadamente dois minutos e vinte segundos, faz parte do quadro “Outro Olhar”, e foi narrada por uma menina de nove anos, que contou como é o funcionamento de uma cooperativa de reciclagem.

Em relação à cultura e à educação, essa edição optou por abordar o projeto *MPB nas escolas* e a reedição de um livro de Carlos Drummond de Andrade. Para dinamizar esta última matéria, a repórter pediu, em um “*fala povo*”, que as pessoas citassem versos de poemas do autor. Além disso, conversou com o neto do escritor e com uma professora de literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

4 Considerações Finais

A partir da análise das duas edições do Jornal Nacional e do Repórter Brasil, percebe-se que o tema ‘atualidade’ é o grande gancho para a produção das matérias. No dia 4 de junho, é possível notar que os jornais tiveram oito matérias em comum. Isso se



dá pela repercussão do temas tratados, como a Copa do Mundo e o vazamento de petróleo. Ou seja, são assuntos importantes que não poderiam deixar de ser noticiados.

Apesar de, nesse dia, os dois programas terem abordado os mesmos acontecimentos, como o Corpus Christi, por exemplo, é possível notar que o tempo das reportagens foi diferente. Isso ficou claro quando o Jornal Nacional dedicou cerca de nove minutos para abordar assuntos referentes à Copa, enquanto que o Repórter Brasil usou pouco mais de três minutos para a mesma temática.

O fato de algumas matérias não terem tido o aprofundamento devido pode enquadrar-se na explicação abaixo:

Os constrangimentos causados pela falta de tempo afetam a produção jornalística também pela influência da ditadura do padrão publicitário: a maioria das notícias em TV tem de caber no formato de 20 a 30 segundos, que, não por coincidência, é o tempo que duram os comerciais exibidos pelas emissoras (REZENDE, 2000, p. 86).

Além disso, é notável a presença de matérias mais descontraídas no decorrer dos telejornais, que empregaram de maneira maciça elementos sofisticados de edição e narração.

Durante os períodos em que os jornais estiveram no ar, ficou evidente também que eles mesclaram histórias positivas e negativas. Dentro desse contexto, Eugênio Bucci (2000) afirma que é nisso que repousa a imagem de imparcialidade do Jornal Nacional.

Referências Bibliográficas

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. Contexto: 2005

BONNER, Willian. **Jornal Nacional, Modo de Fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009. 244 p.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: seguido de A influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. 143 p.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. 3. ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2000. 182 p.

BUCCI, Eugenio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 245 p.



CANAVILHAS, João. **O domínio da informação-espetáculo na televisão**. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2001. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 06/06/2010.

FACHEL, Flávio. **Jornal Nacional**, 04 jun. 2010.

FARIA, Eric. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 03 jun. 2010.

FILHO, Laurindo. Prefácio. **A TV sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão**. São Paulo: Sammus, 2006.

FILHO, Laurindo. **Por trás das câmeras**. São Paulo: Sammus, 1988.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4. ed. São Paulo: Senac, 2005. 244 p.

MENSAGEM. **TV Brasil**. 20--. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/saladeimprensa/mensagem.asp>>. Acesso em: 09/06/2010.

NEGRINI, Michele. Espetacularização e sensacionalismo: reflexões sobre o jornalismo televisivo. **Trabalho apresentado no XVII Endocom – Encontro de Informação em Ciências da Comunicação**. Santos, agosto de 2007.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. Jornalismo e representações sociais: perspectivas teóricas e metodológicas. **INTEXT**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-12, janeiro/junho 2005.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo, Sammus, 2000. 289 p.

SOBRE o Repórter Brasil. **Repórter Brasil Online**. 20--. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/flat/sobre/>>. Acesso em: 09/06/2010.

ZAHAR, Jorge. **Jornal Nacional, a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Memória Globo, 2004. 407 p.